

## VANDERLEI LOPES

---

### TUDO QUE RELUZ É OURO

#### POR FERNANDA PEQUENO

Tal como Midas, personagem mítico grego que transformava em ouro tudo que tocava, Vanderlei Lopes reúne trabalhos recentes que se relacionam ao nobre metal por sua aparência dourada, polida ou escovada, e pela autoria que transmuta objetos e acontecimentos triviais em obras de arte. Se a assinatura tornou-se insubstituível, sendo ela que atualmente “define uma ação ou objeto como artístico”<sup>1</sup>, os trabalhos da exposição se fazem preciosos pelo acabamento e sedução que o emprego de materiais tradicionais sugere e porque às obras de arte atribui-se um valor que é monetário mas também simbólico.

Sem utilidade, as obras de arte são despesas improdutivas que cumprem socialmente funções tais como: emulação, distinção social, prestígio, erudição, valores convertidos em capital cultural. É deste modo que “Tudo que reluz é ouro” fricciona as relações entre consumo, posse, fruição e produção artísticas, evidenciando os tênues limites entre valor de uso e valor de culto e valor de exposição. As peças que compõem a exposição salientam a capacidade da arte de iluminar pequenas coisas para torná-las preciosas, apesar de cotidianas. Neste universo demiúrgico, o artista transfigura-se em Midas, que transforma tudo o que toca em valor. Mas esse caráter reluzente, ao invés de dádiva, pode converter-se em maldição, já que todo brilho excessivo ofusca e mesmo cega. Afinal, o fogo, apesar de fascinante porque misterioso e hipnótico, queima.

Na mostra, a polidez das peças cria espelhamentos do espaço expositivo e das obras, transformando-as em imagens que fixam instantes. As esculturas se relacionam com a história da arte sem reproduzir a atemporalidade do monumento. Elas tensionam a sintaxe, levando em consideração aspectos formais e conceituais, tais como: autoria, tradição, valor, espaço, escala, material, volume, textura, peso, duração. A aproximação entre a produção do artista e a linguagem fotográfica se evidencia na luz que emana das peças e também na relação que estas estabelecem com a captação de situações. Os desenhos e esculturas atuam como flashes luminosos cujas texturas - granulações, riscos, marcas - sugerem a película fotográfica.

Em sua produção artística, Vanderlei Lopes mescla dados culturais e os quatro elementos naturais (fogo, terra, ar e água). Cria-se na galeria uma espécie de intervalo no qual as temporalidades do espectador e das obras se sobrepõem, evidenciando a noção de duração. Na experiência estética, o tempo é outro, o da desaceleração. Ao lidar com estados transitórios - a água escorrendo, a cadeira e o guarda-chuva tombados, as setas em movimentos de orientação e desorientação, a marca de um copo pingando -, o artista captura o clímax, ao mesmo tempo em que empreende uma operação "sinestésica" na qual relaciona toque e visão, espaço e tempo, chão e parede, água e fogo, verticais e horizontais. É assim que suas obras favorecem a iluminação profana, elogiada por Walter Benjamin.

Ao retirar a escultura de sua base ou pedestal, o artista a traz ao chão, em um movimento de horizontalização que é gráfico e simbólico. A água escoia e invade frestas, derrubando o que encontra pela frente. O estado líquido do bronze, quando incandescente, aponta para o processo de liquefação, desfazimento para construção da própria forma. Já os desenhos, por sua coloração vermelha e sua montagem verticalizada, se relacionam com o fogo e a lava do vulcão que buscam o céu mas queimam, destroem e mesmo petrificam. Fusão, ebulição e condensação, assim, são estados transitórios da matéria que aproximam a operação artística daquela pré-científica, alquímica.

A transmutação de temas e materiais empreendida pelo artista o faz alquimista cujas transposições vão desde Fra Angelico e Michelangelo (para quem a escultura já estava contida no bloco de mármore, cabendo a ele sua revelação), passando por Gian Lorenzo

Bernini, Marcel Duchamp e Piero Manzoni. Se o alquimista estudava as transformações da matéria na busca pelo essencial, Vanderlei Lopes extrai brilho de enxurradas, tombamentos, escorrimentos e labaredas que, fascinantes, também anunciam desastres.

O artista empreende, assim, uma busca por acontecimentos poéticos que se relacionam a espaços prosaicos, salientando os potenciais estéticos de resíduos, quinas e chão. As obras da exposição favorecem epifanias, suspendendo espaço e tempo. Como aparições, as peças, tais como as revelações fotográficas e religiosas, afirmam que na arte as coisas são o que parecem ser, não importando se ilusão ou “realidade”. O emprego do dourado enfatiza, então, a capacidade da arte de lançar luz sobre aspectos menos nobres, ou mesmo malditos da existência. Afinal, na arte, tudo que reluz é ouro, mesmo que tenha sido produzido com bronze.

#### **NOTAS DE RODAPÉ**

1. MOULIN, Raymonde no debate transcrito em SIEGEL Katy e MATTICK, Paul. Arte e dinheiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. P. 201.